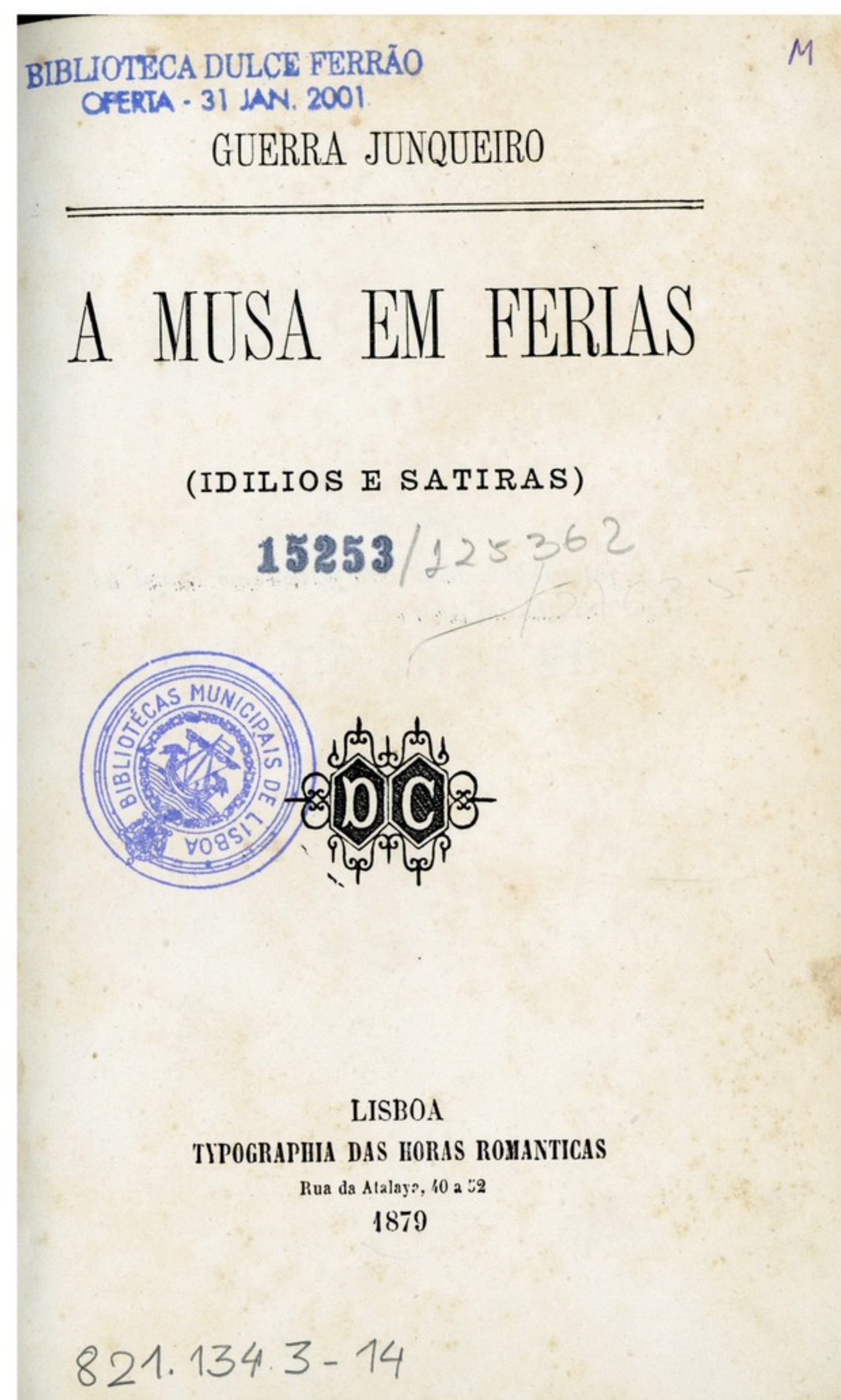


Guerra Junqueiro

na coleção da Hemeroteca Municipal de Lisboa



1



—O *Cancioneiro Alegre* por Camillo Castello Branco, e a *Musa em Férias* por Guerra Junqueiro, são ainda dois novos livros que n'este momento se apregoam. O primeiro encerra paginas d'uma aggressão deliciosa, cheias de conceitos pittorescos e inesperados como as sabe escrever uma das organizações litterarias mais poderosas e mais individuaes das letras portuguezas; o segundo encerra versos como na verdade se não tinham ainda escripto em Portugal nos tempos modernos, e como raros se escrevem hoje, não na *península*, mas na Europa.

E' exactamente contra esta affirmação que o *Cancioneiro Alegre* se ha de revoltar: todavia a posteridade que é um supremo tribunal, muito mais recto que o da Justiça, absolverá Camillo Castello Branco por ter escripto este livro em parte injusto, embora divertido, pela circumstancia attenuante de ter escripto umas dezenas d'elles manifestamente deliciosos e verdadeiros. E a *Musa em Férias* ficará como um formoso livro de todos os tempos e o *Cancioneiro Alegre* como o epigramma ligeiro d'um dia.

GUILHERME D'AZEVEDO.

3

DEDICATORIA

Recordam-se vocês do bom tempo d'outr'ora,
D'um tempo que passou e que não volta mais,
Quando iamos a rir pela existencia fóra
Alegres, como em junho os bandos dos pardaes?
C'roava-nos a fronte um diadema d'aurora,
E o nosso coração vestido de esplendor
Era um divino abril radiante, onde as abelhas
Vinham sugar o mel na balsamina em flor,
Que doiradas canções nossas bôças vermelhas
Não lançaram então perdidas pelo ar,
Mil chimeras, gloria e mil sonhos dispersos,
Canções feitas em versos,
E que nós nunca mais havemos de cantar!

Nunca mais! nunca mais! Os sonhos e as esperanças
São aureos colibris das regiões da alvorada,
Que escolhem para o ninho os peitos das creanças.
E quando a neve cae já sobre a nossa estrada,
E quando o inverno chega á nossa alma, então
Os pobres colibris, coitados, sentem frio,
E deixam-nos a nós o coração vasio
Para fazer o ninho em outro coração.
Meus amigos, a vida é um sol que chega ao cumulo,
Quando cantam em nós essas canções celestes;
A sua aurora é o berço, e o seu occaso é o tumulo:
Ergue-se entre os rosa's e expira entre os ciprestes.
Por isso, quando o sol da vida já declina,
Mostrando-nos ao longe as sombras do poente,
É-nos doce parar na encosta da colina
E volver para traz o nosso olhar plangente,
Para traz, para traz, para os tempos remotos
Tão cheios de canções, tão cheios de embriaguez,
Porque, ai! a juventude é como a flor de lotus,
Que em cem annos floresce apenas uma vez.

E como o noivo triste a quem morreu a amante,
E que ao sepulchro vai com suas mãos piedosas
Sobre um amor eterno — o amor d'um só instante —
Deixar uma saudade e uma c'róa de rosas;
Assim, amigos meus, eu vou sobre um thesoiro,
Sobre o estreito caixão pequenino, infantil
Da nossa mocidade, a cotovia d'oiro
Que nasceu e morreu n'uma manhã d'abril,
Desprender, desfolhar estas canções sem nexo
Estas pobr's canções, tão simples, tão banaes,
Mas onde existe ainda um palido reflexo
Do tempo que passou, e que não volta mais.

Dezembro de 1878.

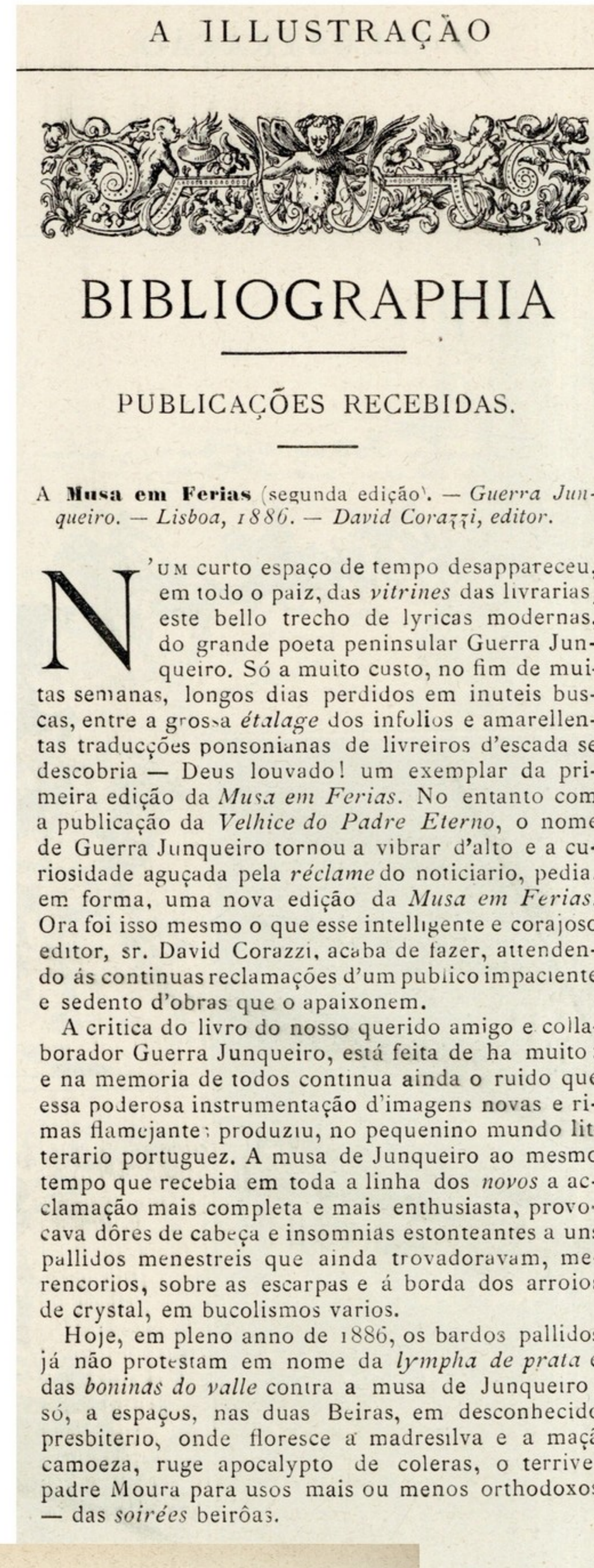
GUERRA JUNQUEIRO.

2

1 Esta poesia pertence ao volume no prelo a *Musa em Férias* editado pela impreza das *Horas Romanticas*.



4



N'um curto espaço de tempo desapareceu, em todo o paiz, das vitrines das livrarias, este bello trecho de lyricas modernas, do grande poeta peninsular Guerra Junqueiro. Só a muito custo, no fim de muitas semanas, longos dias perdidos em inuteis buscas, entre a grossa *étalage* dos infolios e amarellentas traducções pousonianas de livreiros d'escada se descobria — Deus louvado! um exemplar da primeira edição da *Musa em Férias*. No entanto com a publicação da *Velhice do Padre Eterno*, o nome de Guerra Junqueiro tornou a vibrar d'alto e a curiosidade aguçada pela *réclame* do noticiario, pedia, em forma, uma nova edição da *Musa em Férias*. Ora foi isso mesmo o que esse intelligente e corajoso editor, sr. David Corazzi, acaba de fazer, attendendo ás continuas reclamações d'um publico impaciente e sedento d'obras que o apaixonem.

A critica do livro do nosso querido amigo e collaborador Guerra Junqueiro, está feita de ha muito; e na memoria de todos continua ainda o ruido que essa poderosa instrumentação d'imagens novas e rimas flamejante: produziu, no pequenino mundo litterario portuguez. A musa de Junqueiro ao mesmo tempo que recebia em toda a linha dos *novos* a acclamação mais completa e mais entusiasta, provocava dores de cabeça e insomnias estonteantes a uns pallidos menestres que ainda trovadoravam, menencorios, sobre as escarpas e á borda dos arroyos de crystal, em bucolismos varios.

Hoje, em pleno anno de 1886, os bardos pallidos já não protestam em nome da *lymphá de prata* e das *boninas do valle* contra a musa de Junqueiro; só, a espaços, nas duas Beiras, em desconhecido presbiterio, onde floresce a madre silva e a maçã camoeza, ruge apocalypito de coleras, o terrivel padre Moura para usos mais ou menos orthodoxos — das *soirées* beirãoas.

JUNQUEIRO ESCRITOR
A MUSA EM FÉRIAS : IDILIOS E SÁTIRAS,
1879

Assim que saiu do prelo, o livro mereceu o melhor acolhimento por parte da crítica: “encerra versos como na verdade se não tinham ainda escripto em Portugal em tempos modernos, e como raros se escrevem hoje, não na *península*, mas na Europa”.

Em forma de coletânea, reúne a maior parte da poesia idílica de Junqueiro, embora inclua também a sátira anticlerical “O Melro”.

1. *A Musa em Férias* (1.ª ed.)
Col. BMRR

2. “Dedicatória”
Occidente
N.º 32, 15 Abr. 1879, p. 59

3. “Chronica Occidental”
Guilherme d’Azevedo
Occidente
N.º 33, 1 Mai. 1879, p. 66

4. “Bibliographia”
A Illustração
N.º 4, 20 Fev. 1886, p. 62

